Relatório divulgado às vésperas da COP31 estima que países em desenvolvimento precisarão de US$ 305 bilhões anuais até 2035 para enfrentar os impactos das mudanças climáticas

Às vésperas da COP31, que será realizada a partir de 9 de novembro na Turquia, um novo relatório do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Pnuma) reforça a dimensão do desafio enfrentado pela comunidade internacional na adaptação às mudanças climáticas. Segundo o Relatório sobre a Lacuna de Adaptação 2026, publicado na quarta-feira (4), os países em desenvolvimento precisarão de cerca de US$ 305 bilhões por ano até 2035 para fortalecer sua resiliência e reduzir os riscos associados ao aquecimento global.

O documento também conclui que os esforços atuais permanecem muito aquém do necessário, especialmente diante das projeções de que a temperatura média global ultrapassará o limite de 1,5°C estabelecido como referência pelo Acordo de Paris.

Em 2024, os fluxos internacionais de financiamento público destinados à adaptação climática somaram entre US$ 28,2 bilhões e US$ 31,7 bilhões, apenas cerca de US$ 1 bilhão acima do registrado no ano anterior. Apesar do aumento, o avanço é considerado insuficiente para acompanhar a escala crescente dos desafios impostos por secas, enchentes, ondas de calor e outros eventos climáticos extremos.

O relatório destaca que, mesmo que o financiamento público internacional para adaptação seja triplicado, alcançando entre US$ 85 bilhões e US$ 120 bilhões anuais, apenas 29% das necessidades estimadas seriam atendidas. Além disso, o cálculo de US$ 305 bilhões considera apenas demandas públicas, sem incluir os investimentos necessários do setor privado. Segundo o Pnuma, a inclusão dessas necessidades poderia levar o montante total a praticamente dobrar.

A diretora executiva do Pnuma, Inger Andersen, afirmou que o mundo ainda não está preparado para lidar adequadamente nem mesmo com as condições climáticas atuais.

"Não estamos preparados para nos adaptar ao clima que já enfrentamos hoje, muito menos aos impactos adicionais que devem surgir caso o aquecimento global ultrapasse 1,5°C", alertou.

Pressão sobre a COP31

A divulgação do relatório ocorre poucos dias antes do início da COP31 e amplia a pressão sobre governos e instituições financeiras para que acelerem seus compromissos com a adaptação climática. O documento lembra que a comunidade internacional reconhece há anos a necessidade de ampliar os recursos destinados aos países mais vulneráveis, mas os resultados concretos continuam limitados.

O Pnuma destaca que os esforços globais para apoiar a adaptação em países em desenvolvimento seguem cronicamente subfinanciados. A agência lembra ainda que a meta de triplicar o financiamento anual para adaptação foi acordada durante a conferência climática realizada no Brasil no ano passado.

Esse compromisso integrou o chamado **Mutirão Global**, iniciativa lançada pela presidência brasileira da COP30 para mobilizar governos, empresas, organizações da sociedade civil e cidadãos em torno de ações concretas de enfrentamento às mudanças climáticas.

Instituições mais fortes e ação acelerada

Além do aumento dos recursos financeiros, o relatório enfatiza a necessidade de fortalecer instituições públicas, acelerar a implementação de projetos e ampliar mecanismos de proteção para comunidades vulneráveis.

Segundo o Pnuma, os investimentos em adaptação são essenciais para reduzir perdas humanas e econômicas decorrentes de eventos extremos, proteger infraestrutura crítica, garantir segurança alimentar e hídrica e aumentar a capacidade de recuperação das populações mais expostas aos riscos climáticos.

Para Inger Andersen, a COP31 representa uma oportunidade decisiva para transformar compromissos em resultados concretos.

"As nações precisam intensificar seus esforços para concretizar a aspiração do Mutirão Global de triplicar o financiamento para adaptação até 2035", afirmou.

Com os impactos climáticos se intensificando em todas as regiões do planeta, o relatório conclui que a adaptação deixou de ser uma agenda complementar e passou a ocupar posição central na resposta global à crise climática. A principal questão, segundo o Pnuma, não é mais se o mundo precisa investir mais, mas quão rapidamente será capaz de fazê-lo.

Fonte: CNseg, em 04.11.2026